

A física estoica e a incorporeidade do tempo

Stoic physics and the incorporeity of time

Bruno Alonso

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF)

brunoalonso@id.uff.br

<http://lattes.cnpq.br/4734165438579356>

Resumo

Os estoicos tentaram responder à pergunta que permanece como um dos maiores enigmas filosóficos: o que é, afinal, o tempo? É crucial esclarecer o verdadeiro sentido que o estoicismo atribui ao tempo, para compreendermos a rigidez que encerra a sua doutrina física. O objetivo deste artigo é explorar os meandros da cosmologia dos estoicos e, assim, demonstrar como a concepção do tempo corrobora a perspectiva determinística do eterno retorno. A questão do tempo será abordada não apenas em sua dimensão metafísica, mas como um ponto chave para desatar o ardiloso dilema ético entre destino e liberdade.

Palavras-chave: Estoicismo. Metafísica. Cosmos. Tempo. Eterno retorno.

Abstract

The Stoics tried to answer to the question which remains one of the greatest philosophical enigmas: what is time, anyway? It is crucial to clarify the true meaning that Stoicism attributes to time, to comprehend the rigidity of its physical doctrine. The aim of this article is to explore the intricacies of the cosmology of the Stoics and, thus, demonstrate how the conception of time corroborates the deterministic perspective of eternal return. The question of time will be addressed not only in its metaphysical dimension, but as a key point for unlocking the elusive ethical dilemma between destiny and freedom.

Keywords: Stoicism. Metaphysics. Cosmos. Time. Eternal return.



A cosmologia estoica

Os estoicos gregos interpretaram a física heraclítica em termos escatológicos e atribuíram à cosmologia uma temporalidade cíclica. Na cosmologia estoica não há um início derradeiro e nem ao menos um fim absoluto para o tempo, que sempre existiu e sempre existirá, regido por uma razão seminal que ordena o movimento de conflagração e de renascimento do cosmos. Todos os seres estão determinados a ressurgirem em um novo ciclo cósmico, segundo a mesma sucessão de eventos, repetida pontualmente no curso de um eterno retorno. Zenão e Crisipo pensam o tempo ($\chi\rho\acute{o}\nu\omicron\varsigma$) como o fluxo perpétuo de movimento dos seres. Concepção que possui uma intensa inspiração no inelutável devir de Heráclito.

O mundo é um só e finito e sua forma é esférica, porque essa forma é compatível com o movimento [...]. Fora do cosmos difunde-se o vazio infinito, que é incorpóreo. [...] No cosmos não existe o vazio, sendo ele uma unidade compacta. Essa unidade é o resultado necessário da afinidade e sintonia predominantes entre as coisas celestes e terrestres (DL, VII, 140).

Diógenes Laércio descreve a configuração do modelo cosmológico concebido pelos antigos estoicos. O cosmos é uma unidade finita, esférica, compacta e toda preenchida pela matéria. Não há vazio no interior do cosmos, mas somente além de seus limites, propagado das suas extremidades até o imensurável infinito. O vazio ($\kappa\epsilon\nu\acute{o}\nu$) é a antítese do lugar ($\tau\acute{o}\pi\omicron\varsigma$): o primeiro é o vácuo, ou seja, o espaço destituído de corpos, um hiato absoluto; o segundo é o espaço corporificado que é em si mesmo incorpóreo, ainda que o lugar só exista na qualidade de corpo objetivado.¹

[...] o cosmos é um ser vivo, racional, animado e inteligente, um ser vivo no sentido de que o cosmos é uma substância animada, dotada da faculdade de percepção sensível. [...] O cosmos é animado, e isso se evidencia diante do fato de nossas próprias almas serem cada uma um fragmento dele (DL, VII, 143).

Os estoicos pensam o cosmos como uma força homogênea que percorre o todo e mantém a união entre os corpos. É um organismo vivo, bem como um animal racional dotado de sensibilidade. As almas individuais são pequenos fragmentos que conservam em si a inteligência do *logos* divino, um reflexo em menor escala da totalidade que as envolve. Trata-se de um cosmos vitalista, uma unidade orgânica. Os eventos físicos não se reduzem a simples interações mecânicas

¹ Diferente dos estoicos, Aristóteles pensa no “lugar” como uma espécie de estrutura física que delimita o espaço preenchido pelos corpos: “[...] the form is the boundary of the thing, the place is the boundary of the body which contains it” (ARISTOTLE, *Physics*, IV, 211b13).



entre corpos. Tudo o que existe emana da força vital dispersada pelo cosmos. O estoicismo propõe uma visão panteísta do mundo, fundada na ideia de que a natureza é em si mesma divina.

De acordo com os estoicos, os princípios são dois: o ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem qualidade – a matéria –; o princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus. E Deus, que é eterno, é o demiurgo criador de todas as coisas no processo relativo à matéria. [...] De conformidade com os estoicos, há uma diferença entre princípios e elementos: os princípios não foram gerados e são incorruptíveis, enquanto os elementos se corrompem quando ocorre a conflagração do cosmos. Além disso os princípios são incorpóreos e informes, enquanto os elementos têm uma forma determinada (DL, VII, 134).

Existem dois princípios físicos fundamentais: o ativo (τὸ ποιούν) que é o *logos* divino (λόγον τὸν θεόν) e o passivo (τὸ πάσχον) que é a matéria informe (τὴν ὕλην). Ambos os princípios possuem um vínculo indissociável, porque a razão age de forma contínua sobre a matéria, para engendrar os seres e mover o curso dos eventos cósmicos. Há uma distinção basilar, entre os princípios (ἀρχάς) que existem desde sempre incorpóreos e indestrutíveis, e os elementos (στοιχεῖα) corruptíveis que se aniquilam na conflagração cósmica (ἐκπύρωσις). O princípio ativo age sobre a matéria passiva e, dessa maneira, forja os elementos.

No princípio, Deus estava só em seu ser, e transformava toda a substância em sua volta por meio do ar em água; e como no sêmen está o germe, da mesma forma aquilo que é a razão seminal do cosmos permanece como criador no úmido, de tal maneira que a matéria passa a ter por sua obra a faculdade de continuar a gerar. O próprio Deus criou em primeiro lugar os quatro elementos – fogo, água, ar e terra. [...] “Elemento” é definido como aquilo de que todas as coisas tiram sua existência e em que afinal se dissolvem. Os quatro elementos juntos constituem a substância privada de qualidade, ou seja, a matéria; o fogo é o elemento quente, a água é o úmido, o ar é o frio e a terra é o seco. Mas a mesma parte, isto é, o seco, está igualmente no ar. No lugar mais alto está o fogo, que se chama éter, onde se forma primeiro a esfera das estrelas fixas e depois a dos planetas, ao qual se seguem o ar e depois a água; no lugar mais baixo está a terra, que fica no centro de todas as coisas (DL, VII, 136-137).

Nos primórdios do ciclo cósmico existia apenas a razão seminal (σπερματικὸν λόγον) que transformava tudo ao seu redor por meio do ar em água. O *logos* age através do ar e torna a água fértil. Assim, o elemento úmido incorpora a capacidade criativa e continua, em seguida, o movimento de composição do cosmos. O fogo se situa na parte mais alta, onde primeiro ficam as estrelas fixas e depois os planetas. Circunscrito a isso ficam o ar, abaixo dele a água e na parte mais baixa a terra. O fogo (πυρὸς) é o princípio físico que engendra tudo o que existe.²

² Os estoicos sustentam que o *logos* divino se transmuta inicialmente em fogo, e desse fogo primordial surgem os demais elementos, assim como os seres vivos e os demais corpos inanimados: “O cosmos formou-se quando sua



Com forte inspiração na filosofia de Heráclito, os estoicos identificam no fogo o princípio da inteligência divina, de onde todos os elementos da natureza surgem e para onde retornam após serem corrompidos.³ O cosmos é regido por um movimento cíclico de destruição e renovação.⁴ Ao atingir o fim de um ciclo, o cosmos é restaurado pelo fogo no evento cósmico da conflagração final. O cosmos ressurgem para um novo ciclo idêntico ao anterior, seguindo o mesmo movimento, com os mesmos eventos repetidos, outra vez, por toda a eternidade. Os estoicos se apoiaram em Heráclito para desenvolver uma cosmologia complexa, modelada nos mais sucintos detalhes.

O tempo e o destino

O cosmos estoico é corpóreo por inteiro, mas o tempo reside em uma dimensão metafísica que extrapola os corpos existentes. O tempo existe no limiar que separa o Ser do Não-Ser. Embora o estoicismo defina o tempo como algo incorpóreo, ele subsiste em um campo ontológico de superfície, o vetor metafísico que alinha o fluxo cíclico percorrido pelo cosmos.

“Que todas as coisas acontecem de acordo com o destino [...]. O destino é um encadeamento de causas daquilo que existe, ou a razão que dirige e governa o cosmos” (DL, VII, 149). Trata-se de uma doutrina física absolutamente determinística, em que todos os eventos, humanos e cósmicos, são dirigidos pelo princípio racional que governa o cosmos. O destino (εἰμαρμένη) é o elo que une tudo o que existe a uma rede única de causas. A cosmologia estoica se baseia em um primoroso determinismo, pois cada ciclo percorrido pelo cosmos segue um curso pregresso. Se o destino

substância primeiro se converteu de fogo que era (por meio do ar) em umidade, e então a parte mais densa da umidade se converteu em terra, enquanto as partículas mais sutis se transformaram em ar e, tornando-se sempre mais rarefeitas, geraram o fogo. Sendo assim, do processo de mescla desses elementos derivam as plantas e os animais e os outros gêneros de coisas” (DL, VII, 142).

³ Os fragmentos preservados nos textos de Porfírio, Hipólito e Clemente de Alexandria revelam o caráter dinâmico do cosmos heraclítico, governado pelo fogo e impulsionado por um movimento ininterrupto de transformações: “O comum: princípio e fim na circunferência do círculo” (PORFÍRIO, *Questões Homéricas, Ilíada*, XIX, 200); “Todas as coisas o fogo, sobrevivendo, separará e empolgará” (HIPÓLITO, *Refutação*, IX); “O cosmo, o mesmo para todos, não o fez nenhum dos deuses nem nenhum dos homens, mas sempre foi, é e será fogo sempre vivo, acendendo-se segundo medidas e segundo medidas apagando-se” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata*, V, 104).

⁴ Conforme indica Reale, os estoicos identificam no fogo o elemento físico que atua como princípio ativo, o agente transformador que tanto ordena quanto revolve o cosmos: “[...] o fogo cria em certa medida e em certa medida destrói: conseqüentemente, ao fatídico cumprimento dos tempos, advirá uma conflagração universal, ou seja, uma geral combustão do cosmo (ekpyrosis), que será também uma espécie de universal purificação, e tudo será fogo. Seguir-se-á um novo nascimento (palingénesi) e tudo se reconstruirá exatamente como antes (apokatástasi). Renascerá o cosmo, esse mesmo cosmo que eternamente continuará a ser destruído e a reproduzir-se não só na sua estrutura geral, mas também nos acontecimentos particulares (o eterno retorno): renascerá cada homem sobre a terra e será tal como foi na precedente vida, até nos mínimos pormenores. De resto, idêntico é o logos-fogo, idêntica a semente, idênticas as razões seminais, as leis do seu desenvolvimento, as conexões das causas pelas quais as razões seminais se desenvolvem em geral e em particular” (REALE, 2015, p. 67).



persegue um fluxo indeclinável de eventos, o tempo é o efeito desse movimento e, portanto, cumpre o arranjo delineado pelo *logos* divino.

Segundo Hipólito, Heráclito se vale de uma metáfora para ilustrar a natureza do tempo: “O tempo é uma criança brincando, jogando: reinado da criança” (HIPÓLITO, *Refutação*, IX). O termo usado para se referir ao tempo é αἰών, que significa a força vital que atravessa a eternidade, o destino que se cumpre através dos tempos.⁵ Diferente de κρόνος, o tempo pensado como uma sucessão linear de acontecimentos. Heráclito contempla a espontaneidade da criança que brinca, para representar a fluidez pela qual o tempo perpassa o cosmos.

O tempo é uma realidade de outra ordem, metafísica, paradoxalmente incorporal (ἄσώματος): “O tempo também é incorpóreo, sendo a medida do movimento. O tempo passado e o futuro são infinitos, e o presente é finito” (DL, VII, 141). Corpo é tudo aquilo que possui capacidade para agir ou padecer e é, por definição, uma realidade finita. Se o cosmos é uma unidade compacta, todo preenchido por corpos, por que o tempo seria uma exceção? O estoicismo compreende o tempo como a extensão (διάστημα) do movimento, efeito superficial do movimento cósmico (κόσμου κινήσεως), uma corrente infinita que determina o rumo de todos os seres.

Zenão afirma que o tempo é uma extensão do movimento [κινήσεως διάστημα], o critério de rapidez e lentidão. E é através do tempo que os eventos ocorrem e tudo devêm e todos os seres são (Arii Didymi *fr.* 26 Diels, tradução nossa).

Crísipo diz que o tempo [...] é a extensão que acompanha de perto o movimento do cosmos e é no tempo que tudo se move e também é. [...] cada instante é infinitamente divisível, conseqüentemente, nenhum tempo está absolutamente presente. [...] apenas o presente existe realmente; o passado e o futuro subsistem [...] apenas como predicados que são atributos potenciais, por exemplo, andar por aí pertence a mim quando estou andando, mas não pertence quando estou deitado ou sentado (Arii Didymi *fr.* 26 Diels, tradução nossa).

Ário Dídimos apresenta as definições de Zenão e de Crísipo acerca do tempo: o primeiro diz que “o tempo é uma extensão do movimento”, enquanto o segundo afirma que o tempo é “a extensão do movimento do cosmos”. Os dois filósofos compreendem o tempo como um διάστημα, isto é, como a extensão do movimento. Zenão pensa o tempo como o movimento parcial, aquilo que determina a velocidade dos corpos. Crisipo expande essa ideia e considera o tempo como o fluxo

⁵ Campillo explica como se deu a evolução semântica do termo αἰών na língua grega antiga. Inicialmente uma noção mais simples, o tempo como força vital ou duração da vida. Porém o termo alcança uma proporção universal, passando a significar a eternidade que atravessa o cosmos: “El significado más arcaico de *aión* es el de vida, aliento o fuerza vital, y por extensión el de duración o perduración de la vida; pero más tarde pasó a designar las grandes eras o edades de la vida del mundo, los grandes ciclos o *eones* del *kósmos*; e incluso el Tiempo como vida siempre viva, sin principio ni fin, esto es, la Eternidad, concebida como totalidad simultánea de todos los tiempos” (CAMPILLO, 1991, p. 40).



cósmico em sua totalidade. Contudo, apesar do acréscimo feito por Crisipo, o sentido fundamental da concepção de tempo é equivalente em ambos os filósofos.⁶ Crisipo pondera que o tempo é divisível ao infinito, de maneira que o instante presente não pode ser delimitado com exatidão. O tempo não se define por intervalos, porque seus segmentos não são entidades autônomas. O tempo é compreendido como o fluxo que ordena o movimento sucessivo dos eventos cósmicos.

Sexto Empírico constata que o tempo, na visão dos estoicos, apesar de incorpóreo, possui uma existência autônoma: “[...] o tempo para os estoicos é um incorpóreo, e um ser que se pode considerar dotado de realidade independente” (Sextus Empiricus, *Adversus Mathematicos*, X, 218, tradução nossa). Ao conceberem o tempo como incorpóreo, os estoicos enfrentaram uma séria dificuldade. Na tentativa de salvaguardar a consistência ontológica do tempo e dos demais incorporais – lugar (τόπος), vazio (κενόν) e dizíveis (λεκτάι) –, criaram uma outra categoria da realidade: o “Algo” (τινά). O tempo é este “Algo”, alguma coisa situada entre o Ser e o Não-ser.⁷

Talvez uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos estoicos, foi o desafio de articular o tempo com o movimento. O peripatético Aécio entende que os estoicos restringem a definição do tempo à amplitude do movimento: “A maioria dos estoicos afirma que o próprio movimento é a essência do tempo” (Aëtius *Plac.* I 22,7, tradução nossa). No entanto, reduzir o tempo ao movimento parece uma leitura simplista que não aprecia a profundidade da proposição estoica. Dizer que a essência do tempo é o movimento envolve uma estéril circularidade. Não é pelo fato dos estoicos se ampararem em um evidente vínculo entre os dois fatores, que o tempo se subordina à condição de movimento.

Os estoicos fazem do tempo um mero pensamento, insubstancial e muito próximo do não existente. Pois, em sua opinião, era um dos incorpóreos, que eles desprezam

⁶ Bréhier pontua a diferença entre as definições de Zenão e de Crisipo sobre o tempo: “O tempo é considerado em dois sentidos, como acerca da terra: pode-se pensar seja uma parte deste ser, seja ao todo. No segundo sentido (o único examinado por Estobeu) o tempo é indefinido. O termo oposto é evidentemente o tempo limitado. Ora, esse tempo limitado só pode ser definido, nós o sabemos, pelo movimento circular que o mede. É este o segundo sentido da palavra “tempo” que é o oposto ao de Zenão. O tempo está no meio do tempo infinito como o lugar do mundo no vazio. Ora, a definição de Zenão, vinculando-se ao movimento em geral, definiria o tempo no primeiro sentido. Na nova definição, Crisipo esperava vincular o tempo ao mundo” (BRÉHIER, 2012, p. 97).

⁷ Gallego alega que os incorporais são objeto da Lógica e atuam como atributos dos corpos, não enquanto propriedades físicas, mas como efeitos que emanam do modo de ser dos corpos: “[...] se diferencian del ser (όν) y sólo quedan recogidos junto a él bajo la categoría más general de «algo» (τι), que engloba a los cuerpos (que son lo propiamente existente y materia de la Física) y estos cuasi-seres (o abiertamente noseres, tan frágil es su estatuto) que son los incorpóreos, materia de la Lógica y la dialéctica. Todos los incorpóreos pueden reducirse a una noción única, la de «atributo» (κατηγορέμα) de los cuerpos, aunque es preciso entender este atributo no en el sentido de una cualidad física como el color o la dureza, que son «propiedades» activas y corpóreas, sino en el de un efecto o índice de dichas actividades que ilustra su «modo de ser» (pos échon) y no modifica realmente al sujeto en cuestión” (GALLEGO, 2013, p. 186).



como inativo e inexistente e subsistindo apenas em pensamentos (Proclus in *Platonis Timaeum* 271D, tradução nossa).

Fontes neoplatônicas menosprezaram a maneira como os estoicos definem o tempo, sem avaliar com maior profundidade o seu conteúdo.⁸ No *Comentário ao Timeu*, Proclo declara que os estoicos compreendem o tempo como uma mera abstração do pensamento. Tal leitura ignora que os estoicos consideram a temporalidade como algo inerente ao cosmos, e não um devaneio da mente dos homens. A interpretação de Aécio revela um problema legítimo, a complexidade da relação entre tempo e movimento. Mas a posição de Proclo é incabível, por desvirtuar a teoria do tempo estoica da perspectiva cosmológica que lhe é indissociável.

Mas, se alguém disser que o tempo é a extensão do movimento, não a extensão do movimento em si mesmo, mas a extensão junto à qual o movimento tem sua extensão, como se concorresse com ela, não responderá o que é isso. É claro, no entanto, que isso é o tempo em que o movimento aconteceu. Mas isso é o que nossa reflexão buscava desde o início: sendo o quê, é tempo; é um caso parecido, na verdade idêntico, ao de alguém que, se interrogado sobre o que é o tempo, respondesse que é a extensão do movimento no tempo. Que é, então, essa extensão a que chamas tempo, colocando-a fora da extensão própria ao movimento? Por sua vez, quem coloca a extensão no próprio movimento, ao procurar onde colocar o intervalo de repouso, ficará perplexo. Pois uma coisa pode ficar em repouso pela mesma duração que outra pode se mover, e poderias dizer que o tempo de ambas as coisas é o mesmo, sendo evidente que é distinto de ambos. Então, que é e que natureza possui essa extensão? Porque não há de ser uma extensão espacial: pois isso também é exterior a ele (PLOTINO, *Enéadas*, III, 7).

No capítulo sobre *A eternidade do tempo* das *Enéadas*, Plotino profere uma crítica contra a noção de διάστημα empregada pelos estoicos Zenão e Crisipo. O problema apontado por Plotino é o obstáculo para compatibilizar a relação do tempo com o movimento: como o tempo coincide com o movimento, se é alheio aos corpos móveis? Na tese inversa, se o tempo fosse incorporado ao movimento, o que seria o tempo para os corpos em repouso? Por não estarem em movimento, estariam parados no tempo? Entretanto, Plotino reconhece que ao discernir o tempo como a extensão do movimento, os estoicos se respaldam em uma premissa que reivindica a incorporeidade do tempo.

⁸ Inclusive Plutarco que se apoia na negação da dimensão física do instante presente, para contestar o modo como o estoicismo pensa o tempo: “Es contrario a la noción común que haya tiempo futuro y pasado, pero no haya tiempo presente, y que el ‘hace poco’ y el ‘ayer’ subsistan y, sin embargo, el ‘ahora’ sea absolutamente inexistente. Y, sin embargo, a esta conclusión llegan los estoicos cuando no admiten una unidad mínima de tiempo ni quieren que el instante actual sea indivisible, sino que, de cualquier momento que uno cree concebir y captar como presente, una parte pertenece al futuro y otra al pasado. Así que nada permanece en el instante actual ni queda parte alguna del tiempo presente si del tiempo que solemos denominar ‘presente’ una parte se asigna a los acontecimientos futuros y otra a los del pasado” (PLUTARCO, *Obras morales y de costumbres* XI, 1081c).



“My view is that διάστημα has an absolute ontological priority over motion as well as over any other notion involved in the early Stoic definitions of time” (TZAMALIKOS, 1991, p. 539). Tzamalikos sustenta que a extensão (διάστημα) possui uma prioridade ontológica sobre o movimento cósmico. O que pode se confirmar se compreendermos o rigoroso determinismo dos estoicos. O movimento do cosmos percorre um ciclo pré-determinado, de modo que o fluxo temporal é o mesmo desde sempre. O sustentáculo ontológico para o tempo está no seu irromper como efeito extremo da atividade do πνεύμα (sopro vital) no transcurso dos corpos.⁹

Segundo os estoicos, qualquer corpo causa algo incorpóreo em relação a outro corpo: assim como a faca, um corpo, é causa na carne, também corpo, do predicado incorpóreo ser cortado. O fogo, um corpo, é causa de algo na madeira, também corpo, do predicado incorpóreo ser queimado (Sextus Empiricus, *Adversus Mathematicos*, IX, 211, tradução nossa).

Bem como no exemplo dado por Sexto Empírico, da faca que corta a carne: a faca e a carne são corpos, mas o predicado cortar é em si mesmo incorpóreo. O tempo está justamente nesta dimensão, como o efeito último do movimento dos corpos. Reside no âmbito dos predicados, como efeito superficial da interação entre os corpos. Portanto, jamais se confunde com os corpos propriamente ditos.

O paradoxo da liberdade

[...] a ordem racional e necessária do destino constitui as causas, porém em seguida é a vontade individual [...] que assume o controle dos impulsos que procedem dos nossos juízos, da nossa mente e das nossas ações (Gelius *N.A.* VII 2, tradução nossa).

Como alguém que deu um empurrão no cilindro e dá o ponto de partida para o movimento, mas não o potencial para rolar, sendo assim o objeto incita a visão e chega próximo de afetar a alma, mas o assentimento permanece inteiramente em nosso poder: da mesma maneira que ocorre com o cilindro, apesar de impelido pelo exterior, logo após se movimentará de acordo com a sua própria natureza (Cícero *de fato* 43, tradução nossa).

⁹ Radice observa que os estoicos pensam o incorpóreo como o efeito último da manifestação do πνεύμα: “A existência do incorpóreo era exigência também do modelo difusivo do pneuma, cuja eficácia vai diminuindo à medida que se afasta do centro, para depois recuperar força no movimento contrário. Isso implica a existência de um efeito extremo, o mais distante da causalidade do princípio-logos. Em tal perspectiva, assumindo, como vimos acima, uma rígida correspondência entre causa e corpo, o efeito último não podia não ser equiparado ao incorpóreo” (RADICE, 2016, p. 42).



Como seria viável a liberdade humana, se o tempo é regido por um determinismo absoluto?¹⁰ Cícero cita um trecho de Crisipo, uma longa argumentação para contornar esse paradoxo e legitimar a liberdade perante o curso determinístico do destino: o cilindro e o cone precisam de um impulso inicial para que entrem em movimento; esse impulso parte de uma ação que vem de fora, de um corpo exterior que, ao entrar em choque, acarreta o movimento; mas ao ser impulsionado, o cilindro e o cone ganham autonomia e se movimentam de maneira independente. Crisipo constrói uma analogia entre o assentimento e esses objetos. Ambos necessitam de uma causa externa que atua como um ponto de partida, mas ao serem estimulados agem de acordo com a sua natureza singular.

O estoicismo se sustenta na convicção de que a mente é autossuficiente e tem em si a aptidão para não ser dominada pelas impressões exteriores. Ao julgar as representações que lhe afetam, o filósofo tem a disposição para julgá-las com inteira liberdade. Ser livre é, então, explorar o que perfaz a natureza individual, sem impugnar os ditames da natureza universal. É deixar se conduzir pelos estreitos caminhos da história, sem resistir aos eventos inevitáveis do destino.

Referências

ARISTOTLE. *Physics*. Edited by Jonathan Barnes. Princeton: Princeton University Press, 1991.

ARNIM, H. V. *Stoicorum Veterum Fragmenta*. Eugene: Wipf and Stock, 1903.

BARACAT, J. C. *Plotino, Eneadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino: introdução, tradução e notas*. tese em filosofia pela UNICAMP, 2006.

BRÉHIER, É. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Tradução de Fernando de Figueiredo e José Pimentel. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CAMPILLO, A. *Aión, Chrónos y Kairós: la concepción del tempo en la Grecia Clásica*. La(s) Otra(s) historia(s): una reflexión sobre los métodos y los temas de la investigación histórica, N° 3, pp. 33-70, 1991.

¹⁰ Deleuze explica como os estoicos, ao atestarem o destino e recusarem a necessidade preservam, enfim, a liberdade: “Uma das maiores audácias do pensamento estoico é a ruptura da relação causal: as causas são remetidas em profundidade a uma unidade que lhes é própria, e os efeitos mantêm na superfície relações específicas de um outro tipo. O destino é primeiramente a unidade ou o laço das causas físicas entre si; os efeitos incorporais são evidentemente submetidos ao destino, na medida em que são o efeito destas causas. Mas na medida em que diferem por natureza destas causas, entram uns com os outros em relações de quase-causalidade e em conjunto entram em relação com uma quase-causa ela própria incorporal, que lhes assegura uma independência muito especial, não exatamente com relação ao destino, mas com relação à necessidade que deveria normalmente decorrer do destino. O paradoxo estoico é afirmar o destino, mas negar a necessidade. É que o sábio é livre de duas maneiras, de conformidade com os dois polos da moral: uma vez porque sua alma pode atingir a interioridade das causas físicas perfeitas, uma outra porque seu espírito pode jogar com relações muito especiais que se estabelecem entre os efeitos em um elemento de pura exterioridade” (DELEUZE, 2003, p. 175). Os homens são livres por possuírem a capacidade de dominar as causas físicas interiores ao pensamento e por lidarem com os efeitos exteriores aos corpos.



- DELEUZE. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DIÓGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*. Tiziano Dorandi Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- GALLEGO, A. *El estoicismo a la luz de la noción de tiempo*. Lógica, Física y Ética. LOGOS: Anales del Seminario de Metafísica, 2013, Vol. 46, pp. 183-209.
- HERÁCLITO. *Fragmentos Contextualizados*. Tradução de Alexandre Costa. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.
- PLUTARCO. *Obras morales y de costumbres XI*. Madrid, Gredos, 2004.
- RADICE, R. *Estoicismo*. Tradução de Alessandra Siedschlag. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2016.
- REALE, G. *Estoicismo, Ceticismo e Eclétismo*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- TZAMALIKOS, P. *Origen and the Stoic View of Time*. Journal of the History of Ideas, 1991, Vol. 52, nº 4, pp. 535-561.

Recebido: 22-02-2022

Aceito: 27-05-2022